

BATUQUES ENTRECruzADOS: A (RE) INAUGURAÇÃO DA VIDA ATRAVÉS DA FESTA EM LOUVOR A SENHORA DO ROSÁRIO DE CATALÃO-GO*

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib¹

Resumo:

O presente texto dialoga com a dinamicidade festivo-devocional em torno das comemorações à Nossa Senhora do Rosário em Catalão-GO, inserida no contexto múltiplo da História Cultural e da Cultura Popular.

Abstract:

This text tells about the religious belief in the celebrations about Nossa Senhora do Rosário in Catalão-GO, that is insert in the different aspects of cultural history and popular.

As festividades em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário em Catalão-GO apresentam toda uma dinamicidade e multiplicidade de relações. Mostra uma miscelânea de celebrações, espaços e momentos que são experienciados de diferentes maneiras pelos sujeitos dentro da vida coletiva estabelecida. Essa festa realiza-se no espaço da cidade há 127 anos, sendo que há 67 anos essa comemoração acontece numa mesma área, o Largo do Rosário (Praça Irineu Reis Nicollelli), na região central da cidade.

As dimensões assumidas pela festa estão intimamente associadas à prática das Congadas enquanto manifestação cultural bastante difundida nos festejos em louvor a santos padroeiros como a realizada na cidade de Catalão. Por isso, as Congadas de Catalão são hoje reconhecidas nacionalmente como uma manifestação da cultura popular que, segundo a

* Este texto faz parte das discussões apresentadas na Dissertação de Mestrado intitulada: *Nos Mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO(1936-2003)*, sob orientação da Professora Dr^a. Maria Clara Tomaz Machado da Universidade Federal de Uberlândia-MG.

¹ Professor da rede pública e da Universidade Estadual de Goiás – UEG - Pólo Catalão. Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/CAC, especialista em Educação e Mestre em História Social.

dinamicidade dialógica da História Cultural, resiste e persiste numa sociedade em constante transformação.

Por tudo isso, não podemos esquecer que a história cultural propõe reinventar o passado de forma corajosa, interdisciplinar e por outro lado, explicar a realidade sem se arvorar de dona da verdade, apenas arriscar, aventurar por novas análises uma vez que,

(...) a história cultural trata, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa.

Nesse sentido, os caminhos que nos conduzem à história da cidade de Catalão-GO, localizada na região sudeste do estado de Goiás confundem-se com os percorridos pela festa em louvor a Senhora do Rosário realizada na cidade a mais de um século. A partir do ano de 1936 a devoção a Santa parece ter ganhado vida própria, alimentada pela ânsia da população por dias melhores, já que tudo aquilo que não se conseguia resolver na esfera do real, transportava-se para o sobrenatural. A violência na cidade era um dos maiores problemas, em virtude dos desencontros políticos de algumas famílias tradicionais que disputavam o comando local.

Essa história se firmou no tempo, sendo registrada por memorialistas e moradores antigos da cidade, os quais guardam nas lembranças fragmentos desse período e os trazem à tona sempre que rememoram o passado e deixam fluir suas emoções. Muitos moradores mais experientes relacionam um crime praticado em Catalão-GO, em 1936, com a consolidação da realização da festa do Rosário na cidade, itinerário este construído, por meio de suas lembranças, traçando uma linha de tempo cujo alicerce são suas vivências familiares transpostas ao

presente, uma vez que a memória vagueia pelo mundo das imagens, pois *lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.* (Bosi, 1998:55).

Entretanto, não podemos afirmar que as lembranças desses moradores trazem à tona o passado real, pois elas são construídas de fragmentos que povoam o nosso inconsciente, e estas farpas do passado nunca se juntam de forma homogênea, existindo sempre as lacunas entre o passado e a lembrança, sujeito e coletividade e:

por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi, 1998:55).

Memorialistas locais (Ramos, 1978, 1984) narram, em seus diversos livros, passagens desse período, revelando uma Catalão marcada pela violência e pela justiça feita com as próprias mãos. E do mesmo modo que destacam o envolvimento de famílias tradicionais nesse ambiente hostil e violento como forma de projeção política e social, deixam transparecer que as famílias tradicionais perceberam que poderiam manter-se no poder, ou em evidência, recorrendo a outras instâncias, sem necessitar demonstrar suas táticas através de atos de abuso de poder, dos mandos e desmandos. Ao nosso ver, uma delas foi o apoio à festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Toda a dimensão atual dos festejos em louvor a virgem do Rosário se redimensionam a partir de 1936, com a efetiva incorporação da festa à cidade, o que contribuiu para que o evento se projetasse no cenário cultural do município e do estado. Observa-se também um período de aparente estagnação da violência e dos mandos e desmandos políticos na cidade. O

interessante de se notar é que a doação do terreno para a construção da igreja do Rosário – na praça Irineu Reis Nicolletti, cuja construção iniciou-se em 1936 e só teve sua finalização em 1951, até hoje sede das comemorações, coincide com o crime bárbaro de Antero da Costa Carvalho², que foi preso, acusado de matar um fazendeiro do município, retirado à força da cadeia, arrastado pelas ruas da cidade, numa verdadeira “Via Sacra” de muito sangue e violência, pois teve suas unhas arrancadas, seu corpo arrastado pelo chão e perfurado por pontas de facas e outros objetos cortantes.

Diante de tanta violência, a doação de um terreno para a construção de uma igreja, incentivou a religiosidade da população em torno da devoção a Virgem do Rosário, a fez ressurgir, no cenário da cidade, como forma de evocar o sagrado e a proteção divina, na tentativa de restabelecer a paz no município.

Dessa forma, a construção da história da cidade, a partir desse episódio, deixou de ser escrita somente por sangue, buscando novos caminhos, cuja trajetória se fez de muita fé, devoção, persistência e resistência, caminhando lado a lado com os interesses pessoais, a projeção social e política, encontros e desencontros.

Da mesma forma que essa manifestação cultural servia para amenizar a violência no município, hoje vemos que a fé e a veneração a uma Santa ainda movem, na cidade de Catalão em especial, grande parte da população unindo negros e brancos que, juntos, expressam de diferentes formas sua religiosidade seja em orações, danças, músicas, batuques, requebros e muita festa.

Assim, cabe aqui compreender os motivos que fizeram da Congada uma das manifestações da cultura negra no Brasil,

² Esse crime se tornou um marco da dominação e da rivalidade política na cidade, já que Antero foi acusado de um crime que, aparentemente, não cometeu e que não se conseguiu comprovar sua culpa. Mesmo assim, alguns políticos da cidade resolveram solucionar o caso com muito sangue e violência, já que em Goiás, a década de trinta foi marcada por um período denominado de coronelismo, onde os mais influentes resolviam seus problemas a sangue e bala. Sobre o assunto ver: Gomes, 1994, 1992.

marcante no interior e difundida pelas diversas regiões do país. É nessas localidades que essa prática se mostra mais evidente, associando-se à concretização de vários rituais festivos devocionais de santos padroeiros, como nas festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, ou então, em datas como o 13 de maio, dia em que se comemora a abolição da escravidão.

Saul Martins nos leva a entender que comemorações como as Congadas estão associadas aos festejos de devoção a santos como Nossa Senhora, São Benedito e Santa Efigênia e mesclam sagrado e profano em sua realização e ritualização. Segundo ele, existem indícios que possibilitam entrever essa devoção festiva bem antes da colonização do Brasil (Martins, 1991).

Dentro dessa perspectiva, Sílvia Hunold Lara aponta que os africanos foram colonizados anteriormente por europeus, e, no contato com os padres que se dirigiam para a África, intermediava-se a catequização com cultos dedicados aos orixás. Assim, desde 1552, registros em livros de Tombo da igreja católica apontam que na em Pernambuco existia a organização de negros em Confrarias do Rosário (Lara, 2002: 75).

As Congadas são, então, objeto de estudo de vários folcloristas, sociólogos, antropólogos, entre outros³. Muitos deles valorizam esse tipo de manifestação como parte do folclore brasileiro, sem se preocupar com sua dinamicidade, apegando-se meramente ao entendimento dos rituais ou dos festejos de forma isolada de sua totalidade e da ação dos sujeitos que a movimentam, dando-lhe vida e atualizando-a.

No contexto dinâmico da cultura popular, as Congadas têm sua efetivação em várias regiões do país de forma diferenciada. Em algumas, mantêm-se vivas por pequenos grupos, que persistem todos os anos em atualizar essa prática cultural, mas não tão significativa para a cultura local. Em outros, ela ganha uma dinamicidade expressiva, fazendo com que, durante

³Ver: ANDRADE, 1982; ARAÚJO, 1973; BRANDÃO, 1978; CASCUDO, 2000; GOMES e PEREIRA, 1988; GUIARDELLI, 1981.

o período dos festejos, os sujeitos e a própria cidade passem a viver em função de sua realização, como acontece em Catalão-GO. Dessa maneira, ela acaba se constituindo como manifestação cultural, marcada pela persistência e resistência da cultura negra de se fazer presente associada não somente a passagens históricas ou lendas que compõem o imaginário da civilização ocidental, como nos alerta Laycer Tomaz, pois ela se constitui *em sua essência pela espiritualidade advinda de religiões africanas, como o Candomblé e a Umbanda*, muitas vezes camuflada em devoção católica (Tomaz, 2000:21).

Segundo Volney J. Berkenbrock, a forte presença do negro no Brasil fez com que o país passasse a ter uma variedade cultural muito expressiva, trazida, em grande parte, pelos negros para o Brasil durante a escravidão, principalmente nos três últimos séculos desse período. Os negros provinham de diferentes lugares da África, com culturas bastante diversificadas, e, com a quebra do vínculo cultural entre membros de uma mesma região, ocorreu o dilaceramento de muitos costumes e tradições entre esses povos, revividos mais tarde pelos seus descendentes, uma vez que *muitos não conseguiam dar continuidade às tradições, pois nem à vida conseguiram dar continuidade* (Berkenbrock, 2002:191).

O autor ressalta também que isso se deveu à média de vida útil do negro de sete anos, em virtude do trabalho forçado após sua chegada ao Brasil, contingente que, na grande maioria, se constituía de negros do sexo masculino. Representa a persistência e resistência à imposição de valores e à marginalização de sua cultura. É como se, em cada passo dado pelo negro nas terras brasileiras, ficassem fincadas ao chão as marcas de uma história, caminhos do tempo, incertezas da vida.

Entretanto, nessas trilhas de incertezas, a cultura afro-brasileira absorve as mais variadas nuances e as Congadas são também manifestações que passam a ser consumidas como cultura de massa e como entretenimento (Ferretti, 1995:104). Segundo Ferretti, a história da Congada como prática da cultura e da religiosidade negra sofreu um processo de “domesticação” e de “folclorização”, divulgados pela cultura de massa, reforçando

o sentido turístico dela na condição de espetáculo exótico. Mas bem sabemos que o exótico mascara o sentido sincrético dessa manifestação, inebria os olhos dos sujeitos distantes, escondendo que é também expressão de vida, ato de fé, religiosidade e adoração, comoção e veneração de Deus, força de vida.

Por este viés, vemos que a fragmentação desse tipo de manifestação cultural, inserida num contexto folclórico ou como elemento simplista da cultura popular, é fruto da visão fragmentada do colonizador perante a pujança cultural que se deu com a formação do povo brasileiro (Meyer, 2000: 148). Meyer apropria-se de Bastide para evidenciar, justamente um entendimento dessa aparente fragmentação e constata que a construção da cultura brasileira se deu balizada na forte e marcante presença da cultura negra na nossa sociedade. Diante disso, lembra a estudiosa que Bastide aponta que possuía o colonizador português um gênero de vida oposto ao do país de origem; usanças estilhaçadas, fragmentadas ao longo do tempo pelas desbaratadas experiências de um povo que foi se constituindo a duras penas e não pôde, como na Europa, viver secularmente agarrado ao mesmo chão, mas que foi sempre levado pelas injunções das formas dominadoras de ocupação do solo a transitar em perenes transumâncias.

Se a identidade do povo brasileiro formou-se de uma interligação de crenças, hábitos, costumes e culturas, para muitos estudiosos, a origem das Congadas no Brasil associa-se à vinda dos povos africanos de origem Banta⁴, oriundos das regiões do Congo, Moçambique, Mina, Angola, entre outras, e, no Brasil, tornaram-se escravos para servir de mão-de-obra nas lavouras de cana de açúcar, na mineração, entre outras atividades.

Outros dizem representar a luta entre reinos rivais africanos, ou seja, entre os reinos comandados pelo Rei Coriongo e pela Rainha Ginga. Algumas versões ainda apontam que as

⁴ Segundo Prandi, o termo “Banto” foi criado em 1862 pelo filólogo alemão Wellelm Bleek e significa “o povo”, não existindo propriamente uma unidade banta na África. No Brasil, estudos diversos nos revelam que os Bantos que vieram para o país, são africanos provenientes do Congo e de Angola.

Congadas expressam a luta entre mouros e cristãos na França. Dedutivo disso, afirma-se também que dessa luta resultou o aparecimento de duas manifestações representativas desse mesmo acontecimento: as Cavalcadas, adotadas pelos nobres, e as Congadas introduzidas entre os escravos como forma de amenizar as diferenças étnicas, seu espírito de revolta.

Por fim, existem aqueles que se fundamentam no imaginário popular, afirmando, com base nisso, serem as Congadas a representação da Corte de Chico Rei, que, após encontrar ouro numa mina abandonada em Minas Gerais, comprou a sua liberdade e a de vários negros como forma de reintegrá-los ao mundo da liberdade.

Mesmo diante de tantas histórias, não podemos deixar de enfatizar que a Congada ou o Congado, como é conhecido em muitas cidades do interior de Minas Gerais, é uma vivência em que interage vida, fé, devoção, festa e simbolismo, hoje, com nítida interferência da cultura de massa. Isso não quer dizer que a Congada seja um mero acontecimento folclórico, paralisado no tempo, sem sofrer alterações.

As modificações são visíveis desde as músicas aos complementos das fardas dos dançadores, podendo ser notados pelas mais diversas cidades onde essa prática permanece viva. É justamente isso que sustenta a resistência desses grupos e a persistência em manter viva a cultura afro-brasileira, cuja evidência articula elos entre o mundo real e o sobrenatural, ou seja, a fé, a tradição se reatualizam e atualizam todos os anos por meio da participação dos diferentes sujeitos, que, ano após ano, durante os seus 365 dias, sentem a festa de forma dinâmica. Dentro dessa dinamicidade, percebemos que Catalão-GO tem sua história associada à realização da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Durante a festa, a religiosidade da população parece mais aflorada, e todos juntos, devotos, congadeiros e população em geral, se envolvem direta ou indiretamente com a festa, se unindo pela fé e devoção à Senhora do Rosário, marcando o tempo, o espaço e a história dos sujeitos sociais.

Nas marcas da história da cidade e da própria festa notamos uma multiplicidade de costumes, culturas e religiosidade que mescla os cultos de adoração católicos e interage práticas devocionais variadas num mesmo acontecimento: a festa do Rosário.

No que se refere à cultura e religiosidade africanas, muitas práticas e cultos ancestrais ainda hoje existem em nosso meio, mesmo que modificados pela forte dominação católica no país. Seguem as bases da cultura africana de diferentes nações. Como exemplo, temos a adoração e o culto às divindades das cidades consideradas sagradas existentes no território africano (Prandi, 2000). Esse estudioso afirma, também, que grande parte dessas celebrações foi incorporada à memória cultural religiosa do Brasil em cidades com forte presença negra, como as do estado da Bahia. Nessas localidades, cultuar Xangô, Iemanjá, Oxossi, Oxum e Lodun-Édé são práticas presenciáveis no Candomblé e Umbanda⁵ e que acabaram tornando-se práticas presenciáveis entre a população brasileira, sofrendo ramificações e remodelações de acordo com as variantes culturais de cada região. Nas Congadas é possível perceber que, timidamente, essas práticas se fazem presentes, visíveis em adereços, músicas ou atos individuais e/ou coletivos de alguns congadeiros devotos de Nossa Senhora do Rosário.

Mesmo assim, festas e ritos considerados pagãos pela igreja católica, muitos deles realizados no universo rural, tornaram-se bastante expressivos, fazendo com que o culto aos santos fosse aceito em virtude da expressividade desse tipo de adoração ser tão perseguido pela Reforma Protestante e aceito pelas reformas católicas implementadas a partir do Concílio de Trento. Assim,

o Concílio de Trento legitimou a veneração aos santos como intercessores dos homens ante Deus; respondeu à acusação de idolatria da Reforma,(...) definindo

⁵ Segundo Prandi, a Umbanda se disseminou pelo Brasil antes do Candomblé. O candomblé se esparramou pelo país muito tempo depois da disseminação da Umbanda e o culto aos orixás ocupavam a simbologia mística dessa prática que aos poucos se difundia pelas regiões do nordeste e sudeste.

as imagens como representações. Manteve também a prática das relíquias e a veneração das imagens, deixando ao bispo do lugar a responsabilidade por evitar exageros.(Prandi, 200, 250-251)

Diante da condição do negro escravo, notamos que a religião, em todas as suas formas de manifestação, era o que os aproximava de sua cultura, em virtude da multiplicidade de situações que se entrelaçaram à efetivação de práticas culturais que expressam a pujança da cultura africana em nosso meio, presente desde à chegada dos negros e que, até hoje, é possível verificar pelo interior do Brasil.

Mesmo tendo uma forte presença católica em nosso meio, absorvemos a riqueza da religiosidade brasileira, que não impetrou apenas os preceitos do catolicismo. A este, outras práticas foram incorporadas, fazendo com que um imenso caldeirão de práticas e representações se efetivassem, propiciando a consolidação da religiosidade brasileira balizada nas raízes européias e medievais, porém desenvolvida nos padrões mestiços exercitados por meio da efervescência religiosa do povo brasileiro.

José Arthur Rios aponta ainda que herdamos não só o estilo atormentado de nossa arte religiosa, mas o movimento e o colorido das semanas santas e das festas populares, que tanto surpreendiam e espantavam os observadores estrangeiros, sobretudo, aqueles racionalistas e protestantes (Rios, 1994:29).

A transmigração desse catolicismo popular para as cidades acompanhou o desenvolvimento econômico do país, intensificando-se a partir do século XIX, cujas devoções aos santos católicos se firmaram como práticas religiosas populares até os anos 1970, saindo do universo rural e expandindo-se com mais frequência ao universo urbano, principalmente nas pequenas localidades. Neste espaço, essa prática, mesmo que tímida, é, em algumas regiões, bastante frequentes entre as manifestações e representações da religiosidade local.

Entre as representações da religiosidade e da cultura africana, a Congada é uma manifestação cultural tipicamente brasileira. Laycer Tomaz afirma que a Congada encontrou no sincretismo religioso um meio de resistir ao domínio e à imposição etnocêntrica dos valores culturais e religiosos do homem branco. Pois,

com expressões como a Congada, os povos negros trazidos para o Brasil, e aqui barbaramente subjugados, sustentaram sua fé com a argumentação de seus rituais religiosos.(Tomaz,2000:21).

Ronaldo Vainfas e Juliana Beatriz de Souza demonstram, em seu estudo, o processo dinâmico da cultura negra incorporada à cultura brasileira por meio das práticas da religiosidade católica como a adoração a Nossa senhora do Rosário. Segundo esses historiadores, a religiosidade, no Brasil, desde os tempos da Colônia, permite compreender os condicionantes que fizeram do Brasil um país católico.

Para Vainfas e Souza(2000), os negros de origem banta, principalmente os de Angola e os do Congo, foram mais receptivos aos cultos de adoração a Virgem do Rosário, porque mantinham um contanto anterior com esse tipo de adoração no continente africano em virtude da constante presença dos colonizadores e de suas tentativas de convertê-los ao catolicismo. Foi por meio do culto a Senhora do Rosário, que os negros rearticularam suas crenças, reinterpretando os rituais de devotamento ao rosário, fato que explica a existência de versões que afirmam que a origem do Congado no Brasil está relacionado aos povos de origem Banta que vieram para o país em maior contingente e se expandiu difundindo essa prática.

A devoção a Santa do Rosário, conforme destaca Vainfas e Souza, provém dos cultos e das rezas proferidas pelos negros à divindade Ifá, o que nos faz compreender a devoção Mariana desenvolvida em Portugal e disseminada pelas colônias portuguesas como África e Brasil. Todavia, foi no Brasil que

tivemos uma maior expressividade desse culto, especialmente entre os escravos.

Essas práticas de adoração iniciaram-se nos engenhos, proliferando pelo interior do país com o ciclo da mineração, principalmente nas cidades em que essa atividade foi evidente, como em Minas Gerais. De Minas, as tradições e as manifestações da cultura negra se espalharam por outras cidades de outros estados, como é o caso de Catalão-GO.

Diante disso, entendemos que as festividades em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário em Catalão-GO apresenta toda uma dinamicidade e multiplicidade de relações que nos fazem perceber que a origem dos festejos do Rosário em Catalão-GO é como a de qualquer outra cidade do país, ou seja, envolta por lendas e mitos. Dessa maneira, existe um forte teor mítico que une a devoção a Nossa Senhora a prática das Congadas⁶.

É possível constatar que a oralidade é que sustenta essa visão mítica e estabelece vínculos festivos-devocionais entre a prática do congado e o louvor a Nossa Senhora do Rosário. As músicas entoadas pelos dançadores do Rosário nos dias de comemoração na cidade de Catalão evidenciam a importância da cultura negra, e uma forte necessidade da liberdade frente ao sofrimento e à discriminação que marcam a história do negro no Brasil. São nesses momentos também que reencontram e revigoram suas forças no sentido de se fazerem presentes e vivos culturalmente, e de (re)descobrirem sua religiosidade, sua força de reorganizar momentos de sociabilidade e reafirmar que na trajetória histórica dos negros não se perpetuam tão somente a submissão, a humilhação e os maus tratos; existe sim, a revigoração de uma cultura que se mantém viva por todo o país.

Se a festa fala por si só enquanto comemoração dinâmica, a Congada, através dos batuques, requebros e sons retratam as andanças dos sujeitos que reatualizam e dão vida a essa prática cultural nos dias atuais, restabelecendo uma relação íntima entre religiosidade e festividade. É por isso que os festejos em louvor

⁶ Ver: BRANDÃO, 1985.

a Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO retratam hábitos, costumes, cultura e devoção que entrecruzam vida e fé, dor, alegria e esperança, anseios, vontades, festa e ritual, encontros e desencontros de vidas que se entrecruzaram e constituíram o alicerce que possibilita estabelecermos um diálogo com essa festa.

Assim, entre encontros e desencontros, desejos, vaidades e fé, a festa se refaz a cada ano, tendo como cenário permanente a cidade de Catalão. A festa, no que concerne às suas multiplicidades de comemorações, constituiu um novo centro comercial e religioso efetivado no contexto do urbano desde a década de 1940 até os dias atuais. A força e a importância dessas comemorações podem ser sentidas também nas cidades vizinhas, que celebram Nossa Senhora do Rosário em diferentes datas, uma vez que a festa de Catalão é a mais importante das demais realizadas nas cidades circunvizinhas como Goiandira, Três Ranchos, Ouvidor entre tantas outras.

Essas cidades absorveram da festa da cidade de Catalão a devoção a Virgem do Rosário, as Congadas, o rancho de festa, as tradicionais barraquinhas. No entanto, Catalão tem mantido sua proeminência. Seus 20 ternos de congos, divididos em Congos, Moçambiques, Vilões, Marujos, Marinheiros, Catupés e Penacho, juntos, alcançam mais de três mil dançadores, que se agregam à população para celebrar Nossa Senhora do Rosário.

A festa (re)memorada apresenta-se como um acontecimento marcante num tempo estático. E muitos memorialistas e grande parte da população local a tem como tradição, folclore, continuidade, e todas as transformações decorrentes da sua história são apenas adereços, parte da evolução dos tempos.

Mas a dinamicidade que sustenta a palavra festa advém da palavra vida, que permanece viva no corpo que se movimenta incessantemente ao som dos batuques, alimentadas pelo suor que escorre a face do dançador e devoto e molha o chão; que faz a boca salivar entre a música e a oração; nas vozes roucas e descompassadas, tornam-se expressão de vida e fé, ecoando-se

pelo ar; perdem-se no tempo e se (re) estabelecem nas lembranças daqueles que fazem da festa a sua Festa, a festa da cultura negra, a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão.

Todavia há, que se pensar a festa, parte da cultura popular, colada ao social. Por isso, mais que tradição, passado e lembrança, ela reinaugura todos os anos, acompanhando o tempo, a história, transforma-se e recria-se até mesmo para continuar existindo.

Por isso, compreendemos que a dinâmica da festa pode ser considerada uma prática social bastante antiga, ora obedecendo a um sentido específico, como o da comemoração, ora como adoração, registrando as marcas de um tempo e da história de um lugar ou de um grupo social. Dessa forma, Jaime Almeida(1994:156) ressalta que viver a festa seria experimentá-la de forma intensa, contrastando-a violentamente com as preocupações da vida cotidiana.

O rompimento com o cotidiano impõe situações atípicas à vivência diária, como fazer uma promessa e cumpri-la, caminhar em romaria, dançar frente à imagem do santo, entre tantos outros motivos que induzem os crentes a extrapolar suas ações, tão diferentes dos limites da vida real. O sentido da festa resvala para além da representação religiosa, aproximando os sujeitos, tornando-os cúmplices por meio de rituais que mantêm (re)atualizadas as práticas de seus antepassados.

A festa representa, então, a manifestação de uma vida diferente daquela presenteada, que o ser humano não pode dar a si mesmo(Weber, 2002:143). Isso faz com que os sujeitos celebrem a vida por meio da festa, pois esta possibilita, enquanto prática cultural, o encontro do indivíduo fragmentado com suas raízes, com sua história, sendo sujeito histórico de seu tempo(Machado, 2002).

Nesse sentido, a festa, como comemoração coletiva, representa muito mais do que o simples cultuar ou rememorar o passado, contemplar imagens sacralizadas ou os mitos concebidos pela própria sociedade. Reflete a necessidade de manter viva, pelas comemorações, a história dos grupos sociais (re)atualizando práticas despossuídas e instituindo uma identidade social, que

(re)organiza a sociabilidade dos sujeitos, interferindo no mundo do trabalho, nos laços familiares e na rotina diária.

Nessa perspectiva, o que não podemos esquecer também é que são vários os mistérios contidos na palavra festa e muitos deles perpassam pelas táticas de reelaboração de manifestações culturais como o Congado. Mistérios contidos não só no rosário dependurado nas mãos da imagem de Nossa Senhora do Rosário, preso na farda de um dançador ou nas mãos dos fiéis, em suas orações, ou como amuleto de proteção espiritual, símbolo da fé em Nossa Senhora. O rosário é o fio condutor que nos permite percorrer pelos diferentes momentos festivos, dialogando com os sujeitos e com a própria festa e levando-nos a compreender que esse momento festivo não parou,

mudou de caminho. E a trajetória continuou a emocionar e a fazer pensar. Nas vias das divergências, das perdas e dos desafios, a festa continuou a memorar tradições, sem deixar de conjugar, no entanto, o verbo trabalhar. Encontros. Desencontros. Silêncios. Confrontos. E a festa continuou. Continua. Não só o que já foi, mas o que vem vindo, para continuar ser. Vivenda de promessas. (Passos, 2002:10)

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Jaime. Todas as festas, a festa? In: *História no Plural*. Brasília:UNB, 1994. ANDRADE, Mário. *Danças dramáticas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- ARAÚJO, Alceu M. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- BERKENBROCK, Volney J. A Festa nas Religiões Afro-brasileiras: a verdade torna-se realidade. In: Passos, Mauro (org). *A Festa na vida – significados e imagens*. Petrópolis:Vozes, 2002.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa do Santo Preto*. Goiânia:UFGO, 1985.

- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- GOMES, Luis Palacin. *História política de Catalão*. Col. Documentos Goianos. Goiânia: Cegraf-UFGO, 1994.
- _____. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: Cegraf-UFGO, 1992.
- GOMES, N. P. de Magalhães & PEREIRA, E. de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Juiz de Fora: MEC/EDUFJF, 1988.
- GUIRALDELLI, Élsie da C. *Ternos de Congo de Atibaia*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
- LARA, Silvia Hunold. *Significados cruzados: um reinado de Congos na Bahia Setentista*. In: Cunha, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras festas – ensaios de História Social da Cultura*. Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: Patriota, Rosângela e Ramos, Alcides Freire (orgs.) *História e Cultura: Espaços plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002.
- MARTINS, Saul. *Folclore em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1991.
- MEYER, M. *Caminhos imaginários no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.
- PESAVENTO, Sandra J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: 2003.
- PASSOS, Mauro. *A Festa na vida – significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. São Paulo: Revista USP, nº 46, junho-agosto, 2000. p.52-65.
- TOMAZ, Laycer. *Da Senzala à Capela*. Brasília: Editora UNB, 2000.
- RAMOS, Cornélio. *Catalão de ontem e de hoje* (curiosos fragmentos de nossa História). Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.
- _____. *Catalão: Poesias, lendas e Histórias*. Goiânia: Líder, 1978.
- RIOS, José Arthur. *Sentimento religioso no Brasil*. In: *Sagrado e Profano – retratos de um Brasil fim de século*. Rio de Janeiro: AGIR, 1994.
- VAINFAS, R. & SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os Santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- VASCONCELOS, Agripa. *Chico Rei*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.